

## Enraizamento sociotécnico da agricultura orgânica em circuitos de proximidades

**Rodrigo Mello Fagundes**

Universidade Federal da Fronteira Sul, Curitiba, Brasil.

Email: Agroecologiainterna@gmail.com

**Julian Perez Cassarino**

Universidade Federal da Fronteira Sul, Laranjeiras do Sul, Brasil.

Email: Julian.cassarino@uffs.edu.br

**Recibido:** 18.12.18 | **Aceptado:** 25.06.20

**Resumo:** Este artigo trata do fenômeno enraizamento social em três casos de circuitos voltados ao mercado de produtos orgânicos, estudados comparativamente. Feira Ecológica de Laranjeiras do Sul, Orgânicos Rio de Una e Circuito Sul da Rede Ecovida. Propomos retornar a temática da imersão social sobre as organizações, em relações com agricultores, como o mercado de trabalho para a tese de Mark Granovetter. Percorremos as categorias do *embeddedness*, refletindo as expressões desde Polanyi, seguido dos casos estudados, pelo método de entrevistas com roteiro semiestruturado, analisadas em núcleos de sentidos. Destacam-se processos decisórios, comunidades e envolvimento dos agricultores. O estudo aponta para a superação de limitações em enquadramentos centrados no mercado, pelo desenvolvimento sociotécnico, ao redefinirem-se canais de acesso, difusão de conhecimento, intercâmbio entre redes, em interações pela força dos vínculos sociais, e na medida em que é preponderante para decisões sobre transição agroecológica.

**Palavras-chave:** Aprimoramento; reciprocidade; instituições; agroecologia; incorporação.

## Enraizamiento socio técnico de la agricultura orgánica en circuitos de proximidades

**Resumen:** Este artículo aborda el fenómeno enraizamiento social en tres casos de circuitos para comercialización de orgánicos, estudiados comparativamente. Feria Ecológica de Laranjeiras do Sul, Orgânicos Rio de Una y Circuito Sur de la Red Ecovida. Proponemos retomar la inmersión social sobre las organizaciones, relativo a los agricultores, cómo el mercado de trabajo para la tesis de Mark Granovetter. Visitamos las categorías del *embeddedness*, reflejando las expresiones desde Polanyi, seguido de los casos estudiados, por el método de entrevistas con pautas semiestructuradas, analizadas en núcleos de significados. Se destacan procesos de toma de decisiones, comunidades y participación de los agricultores. Apuntamos la superación de las limitaciones en contextos centrados en el mercado, mediante el desarrollo socio-técnico, al redefinirse canales de acceso, difusión de conocimiento, intercambio entre redes, en interacciones por la fuerza de vínculos sociales y en la medida que es preponderante para decisiones sobre transición agroecológica.

**Palabras clave.** Mejoramiento; reciprocidad; instituciones; agroecología; incorporación.

## Socio-technical embeddedness of organic agriculture in nearby circuits

**Abstract:** This article deals with the phenomenon of social embeddedness in three cases of circuits for commercialization of organic products, studied comparatively. Ecological Fair of Laranjeiras do Sul, Orgânicos Rio de Una and South Circuit of Ecovida Network. We propose to recover the social immersion on the organizations, related to the farmers, as the labor market for the thesis of Mark Granovetter. We visit the categories of embeddedness, reflecting the expressions from Polanyi, followed by the cases studied, by the method of interviews with semi-structured scripts, analyzed in clusters of meanings. Decision-making processes, communities and farmer participation are highlighted. We point out the overcoming of limitations in market-centered frameworks, through socio-technical development, when reestablishing access channels, knowledge dissemination, exchange among networks, in interactions by the force of social links and to the extent that it is preponderant for decisions on agro-ecological transaction.

**Keywords:** Improvement; reciprocity; institutions; agroecology; incorporation.

### Como citar este artículo:

Mello Fagundes, R y Perez Cassarino, J. (2020). Enraizamiento sociotécnico da agricultura orgânica em circuitos de proximidades. *Polis Revista Latinoamericana*, (57), 231-250. doi: <http://dx.doi.org/10.32735/S0718-6568/2020-N57-1572>

## Introdução

O presente artigo visa discutir a construção social de mercados agroecológicos, ou seja, a construção de espaços, sistemas, arenas até meios de venda e compra de produtos agroecológicos, a partir das relações que as iniciam ou desenvolvem, sejam elas anteriores ou efetivamente nas transações de trocas em si (compra e venda no mercado). A relevância desta discussão está no fato de que, para além do redesenho dos sistemas de produção, a agroecologia no contexto de movimento de agricultura tropical, típico da América Latina, retoma a análise crítica inserida num contexto de desenvolvimento de estratégias para a reconfiguração das relações de mercado.

Neste sentido, pelo marco fundamental que representam os conceitos de Soberania Alimentar e Segurança Alimentar e Nutricional (Guzmán y Soler, 2010; Maluf, 2009), por meio de uma orientação sob a perspectiva do abastecimento alimentar no provimento de alimentos isentos de riscos à saúde, como são os alimentos de origem vegetais conhecidos e orgânicos em toda sua diversidade, e não somente sobre o risco de escassez de suprimentos (Grisa, Porto, y Menezes, 2015), busca-se desenvolver sistemas consistentes de mercado os quais realizem o direito humano à alimentação na garantia pelo acesso a alimentos de qualidade em condições justas para produtores e consumidores.

Um dos aspectos primordiais à construção destes mercados surge da imersão ou enraizamento social de atores sociais e políticos, produtores e consumidores, em redes e processos sociais (Polanyi, 2000; Granovetter, 1985). Compreender e promover este processo de imersão constitui fator chave para a superação da ideia do mercado como ente

abstrato, orientado pura e unicamente pela racionalidade instrumental econômica. Ao sistematizar e compreender os processos sociais em que os mercados se encontram imersos, incorporamos esta dimensão como fator determinante na construção dos mesmos. Especificamente na construção social de mercados no âmbito da agroecologia, a imersão é elemento balizador, o que significa dizer que serve para a ponderação a respeito de seus elementos, a consideração de seus significados, a percepção de suas funções, a quebra de preconceitos ou de paradigma, a compreensão profunda acerca da complexidade dos sistemas, como ponto de ruptura, que reflete, pode influenciar ou inspirar o desenho dos sistemas alimentares.

O presente artigo busca dar significado a este processo de imersão social a partir de três circuitos de comercialização de produtos orgânicos (denominação esta que abrange produtos de diferentes sistemas ou movimentos de agricultura) no Estado do Paraná, com diferentes históricos, amplitude e formas de organização, porém, todos vinculados à produção familiar. Seu objetivo final é dar sequência ao diálogo que se inicia pelo conceito de circuitos de proximidade (Perez-Cassarino y Ferreira, 2016), apresentado como forma de organizar a comercialização de produtos orgânicos em que se considera não somente espacial ou geograficamente, mas também proximidades que resultam de afinidades ou diferentes motivações, pelo que viemos propor a base sociotécnica. Com a qual se difundem benefícios comuns em termos de conhecimentos e valores, desde a construção conjunta dos mercados até o aprimoramento dos saberes que envolvem os agroecossistemas, neste escopo.

Iniciaremos a discussão fundamentalmente em duas partes. Na primeira apresentamos as diversas categorias como dimensões do enraizamento social. Na segunda parte analisaremos os casos investigados, sob o enfoque da configuração dos elementos que promovem imersão social e desenvolvimento sociotécnico. A metodologia é de estudo comparativo de casos. Partimos de pesquisa exploratória, e revisão bibliográfica, descritivo e análise. Optamos pelo método de entrevistas com roteiros semiestruturados (Minayo, 1999), organizadas em núcleos de sentidos. Empregamos uma metodologia criativa, enumerando diversas perguntas para realização dos roteiros e definição dos núcleos. Foram estabelecidos conjuntos de amostragens padrão entre os casos, quatro a seis pessoas por vinculação significativa. E tomamos por referência agricultores e pessoas em postos de decisões. Partimos de três casos que configuram circuitos de proximidades, com agricultores no estado do Paraná, para observar a construção social, sob a ótica do *embeddedness*.

### ***Embeddedness* e modalidades**

A visão do *embeddedness*, como tese que aborda os mercados, na proposta de Granovetter (1985) questiona duas proposições básicas das correntes de pensamento da economia e da sociologia: a que superestima a influência das relações para o indivíduo nas decisões econômicas, como um sujeito sensível a opiniões; e aquela que subestima o

valor das relações sociais em favor de interesses e da maximização, individuais. Essas duas correntes são denominadas como concepções supersocializadas e subsocializadas, respectivamente.

A partir de Granovetter a ação econômica é considerada socialmente situada, o que aponta para a imersão, ou o enraizamento (traduções de *embeddedness*), em redes de contatos e conexões, entre indivíduos e grupos que estabelecem relacionamentos pessoais, pelos quais os indivíduos estabelecem laços, ou ainda, nas palavras de Raud-Mattedi (2005, p.5) «significa que os indivíduos não agem de maneira autônoma, mas que suas ações estão imbricadas em sistemas concretos, contínuos, de relações sociais, ou seja, em redes sociais». Isso representa uma superação da atomização do indivíduo, de uma ação motivada pela racionalidade econômica na concepção subsocializada, ou pela psicologia humana internalizada em resposta ao meio de convívio, que afasta de uma explicação baseada em ações econômicas que possam ser determinadas através da trajetória social dos agentes. Os indivíduos são, deste modo, envolvidos por um conjunto de situações e contextos sociais que ganham e perdem força relativa ao longo do tempo através da imersão em distintas redes que representam, e, dinamicamente, apresentam, diferentes valores sociais e os conduzem para o reconhecimento de propostas e possibilidades de organizações sociais e ações econômicas (Vinha, 2003; Raud-Mattedi, 2005).

Diversos autores transitaram pelo instrumental de análise proposto desde Polanyi até Granovetter e Swedberg que marcam a fundação da Nova Sociologia Econômica. As diversas abordagens que surgem a partir da tese do enraizamento social consideram importantes aspectos nas relações econômicas e assumem dimensões mais amplas a partir desse conceito. O próprio Granovetter (1985) considerou a questão da confiança em oposição ao oportunismo e as incertezas nas relações referentes ao mercado de trabalho. Nierdele y Radomsky (2007) apontam a relevância dos paradigmas da dádiva e da reciprocidade como princípios que definem formas de retribuição e valoração das relações, de maneira não mercantil. Em outros autores como Floysand y Sjholt (2007) verificam-se desdobramentos da tese central em enraizamento geográfico e cultural, onde se identificam questões como persistência nas relações, colaboração, cooperação, confiança, trocas de informação e gerenciamento de risco, reorganização, convenção, além da compreensão do espaço e do ambiente. Feagan y Morris (2009) utilizam como instrumento três categorias de enraizamento: social, espacial e natural; e encontram elementos como confiança, responsabilidade, conectividade, pertencimento, conhecimento, comunidade, tradição, lealdade, local (localidade, «localmente situado»), e ainda padrões de segurança, saúde e conformidade ambiental.

Dentre alguns autores que abordam esse tema através de estudos empíricos no Brasil, Martins, Martins y Silveira (2014) avaliam a imersão em redes envolvendo relacionamentos e a dinâmica organizacional de modo que seja possível substituir mecanismos de governança formais através da coesão na rede, onde se reforçam laços de confiança e acesso à informação pelo que se chama imersão relacional. Há também a imersão estrutural, na

qual os canais de comunicação, a tomada de decisão, as relações comportamentais e a frequência de trocas ou intercâmbios são avaliados. Regras explícitas e o quadro institucional se destinam a reduzir incertezas e prevenir comportamentos desviantes. Por outro lado, relações frequentes, como trocas mercantis, reforçariam laços que envolvem reciprocidade e confiança e substituem mecanismos formais de controle.

A abordagem do enraizamento pode ser associada à perspectiva de laços sociais na medida em que se distinguem relações capazes de modificar as interações econômicas. Hinrichs (2000) explora o contraste entre a ação econômica socialmente situada em laços de confiança e reciprocidade, portanto não-economicamente motivados, com padrões de comportamento ou decisões baseados em preços ou autointeresse. As ações motivadas economicamente podem refletir preocupações como assegurar renda ou a manutenção da unidade de produção. Para o autor ação econômica é situada em termos de diferentes graus de *embeddedness*, relacionado inversamente a dimensões complementares como *marketness* e *instrumentalism*, sendo estas motivações baseadas em preços e autointeresse, respectivamente.

A relação entre consumidores e sistema agroalimentar também apresenta questões para refletir a construção social dos mercados. Novos espaços e formas de comercialização as quais são oportunizadas por novos moldes de organizações e redes agroalimentares alternativas estabelecem vínculos com os consumidores por razões próprias. Valores como qualidade, circulação da economia local, valores culturais e territoriais, ou reivindicações políticas, de saúde, ambientais, conhecimento de origem, ou forte vínculo e afinidade por tradição e relações diretas e pessoais com os produtores, estão entre as razões que assumem variadas formas de imersão que conectam consumidores e produtores, segundo Cassol y Schneider (2015). Esse tema envolve a criação de espaços e reunião de argumentos contestatórios e apontamentos, como opções e direitos dos agentes, associados aos modos de produção e acesso aos alimentos, o qual pode ser tratado em uma perspectiva de soberania alimentar frente as cadeias globais, oligopolizadas, de alimentos processados e convencionais agroquímicos. A assertiva de Goodman (2003, p. 2) reforça o papel dessas Redes Agroalimentares Alternativas (*AAFNs – alternative agro-food networks*):

Ao reincorporar práticas alimentares rurais nas relações eco-sociais regionais, sugere-se que as AAFNs criem «novos espaços econômicos» mais capazes de resistir, compensar e desincorporar as forças da globalização, do livre mercado, uma incrivelmente complexa divisão do trabalho e poder corporativo.

É dito que sociologia econômica se difere das visões da sociologia e da economia, atomizadas separadamente. Krippner (2001) alerta para as consequências da mudança na abordagem do enraizamento de Polanyi para Granovetter, pelo fato da primeira situar o emprego de enraizamento a partir de instituições desdobradas em múltiplos processos sociais, ao passo que a segunda é voltada para os laços estabelecidos nas relações sociais como um fator determinante da ação no mercado. A autora também chama atenção para

falta de uma teoria definitiva acerca dos mercados para esta disciplina. As intervenções, nesse sentido, são apresentadas pela autora como um conjunto de tentativas incompletas em estabelecer os parâmetros concretos. Em algumas colocações, apresentam-se os mercados não como estruturas sociais, mas como espaço para resolução de conflitos, repetindo o dilema da economia ao tratar das relações sociais como externas às relações econômicas. As relações de mercado, a partir da dualidade entre relações pessoais e sociais resultariam da abstração do mercado como mecanismo de mediação. Em que se tem transações variando de acordo com o grau de incerteza e indiferença e são substituídas pelas organizações através da integração, onde as hierarquias surgem como mecanismos de controle e governança, e os mercados são tidos como precedentes a estas estruturas. Apesar disso, essa autora sugere que, ao escolher abordar relações sociais como objeto mediador da economia, Granovetter abstrai a complexidade da realidade econômica, assim como a própria economia e sociologia isoladas. Ou que o conceito de mercado como uma estrutura em rede no qual se estabelecem laços dados a partir de uma força, medida em termos do enraizamento, desafiaria a lógica convencional dos mercados (Krippner, 2001).

Swedberg (2004) sustenta que apesar de o enraizamento se tratar de um dos principais enfoques da sociologia econômica, essa disciplina ainda carece de um corpo teórico consistente e suas limitações esbarram em dificuldades em lidar com questões estruturais e a complexidade de uma ampla variedade de fenômenos ao exemplo da cultura, instituições e política.

É conhecido pela sociologia econômica que a ação econômica, que gera resultado econômico, é socialmente situada e, dessa forma, é enraizada em «redes de relações pessoais» (Granovetter, 1992).

Pela ação econômica podemos compreender produção, distribuição e consumo de bens e serviços (Plein, 2010) e também pelo que podemos incluir: mudanças ou transformação, inovação, aprendizado, aprimoramento, pesquisa, organização, etc. De acordo com Vinha (2003, p. 5-6):

Polanyi concluiu que a economia humana está enraizada em instituições econômicas e não econômicas e que ambas são igualmente vitais para a sua estruturação e funcionamento. Logo, para se entender como as economias são instituídas, é necessário estudar a maneira pela qual o processo econômico é instituído em diferentes tempo e lugares, isto é, como se manifestam, empiricamente, as formas de integração, a saber: reciprocidade, redistribuição e o intercâmbio.

No que concerne a diferença da abordagem, percebe-se que para Granovetter (1992), diferentemente de Polanyi (2000), as relações sociais permeiam as instituições, econômicas ou não, determinando a imersão e a própria ação. Sejam as instituições dadas por normas, convenções, acordos, leis, condições técnicas, condições de mercado, investimentos e estruturas físicas, barreiras econômicas, estrutura organizacional e hierarquia, códigos morais

e de conduta, ensinamentos de modos de ação, etc. Em outras palavras, para Granovetter (1992), as instituições são socialmente construídas, e, portanto, determinadas e posteriores às relações sociais.

Goodman, Dupuis y Goodman (2012) utilizam também o termo *embedded* para se referir ao que está imerso em cadeias globais de suprimentos, como o que é hegemônico em Reis (2012). Em contraste a valores ligados a alimentos produzidos localmente com relações culturais e tradicionais próprias, os valores incorporados em grandes redes oligopolizadas formariam novas orientações de consumo, de mudanças e padrões nos mercados. Em meio disso adaptações são vistas e operadas como estratégias normais de mercado por grandes varejistas. Já as redes alimentares alternativas são imersas em relações com normas locais. A percepção do localismo até mesmo sugere tratar-se de uma abordagem contra-hegemônica, mas critica-se isso pelo argumento de que pode também envolver casos de relações autoritárias ou elitistas. Por isso Goodman et al. (2012) propõem o localismo reflexivo: movimento social e político de tornar local outra vez ou «re-localizar» a alimentação como forma de compreensão ligada à alimentação correta e justiça social (Goodman et al., 2012).

Cabe ainda uma referência dentro do escopo de estudos rurais, quanto a expressão rede sociotécnica cunhada por Ploeg (2000), o qual faz referência à interação coletiva por agricultores e outros atores para mobilizar recursos e conhecimentos, de modo a reduzir a dependência em relação ao mercado. Somado a um esforço em empregar maior proporção de trabalho, comparativamente à utilização de maquinário e tecnologia, implica buscar maior eficiência técnica em relação ao capital disponível, e conduz os atores a enfrentar o aperto sofrido pela constante elevação dos custos e a pressão em se manterem baixos os preços recebidos pelos agricultores. Tal abordagem reforça o papel dos circuitos mantidos sem relação com commodities, como coloca Ploeg (2000). No conjunto estas estratégias asseguram uma margem vital à sobrevivência do agricultor e se voltam para uma direção contrária ao paradigma da modernização ou da mecanização agrícola (Ploeg et al. 2000).

Assim propomos que a abordagem do *embeddedness* pode ser considerada a partir da imersão dos atores ou pela incorporação nas redes. Como aprofundamento observamos a construção e participação em alternativas ao sistema agroalimentar convencional. Trata-se de uma abordagem que contrasta com o domínio do sistema agroalimentar, ao revisar o papel determinante do mercado na operação dos circuitos, retornando às relações e aos indivíduos que constroem e movem as instituições, tais quais o próprio mercado. Nesse sentido, esta linha desenvolvida oferece novos significados para variadas situações e desdobramentos da tese central, que neste escopo da construção de mercados de produtos orgânicos, alcança a difusão de conhecimento nas redes (abordagem agroecológica). Com isso seguimos para as experiências do estudo.

## Enraizamento da Sociotécnica ou Imersão Sociotécnica na Agroecologia

A presente pesquisa se refere aos dados coletados em três distintas experiências de circuitos de proximidade social que conectam produtores de alimentos orgânicos e/ou agroecológicos. As entrevistas são identificadas por uma letra que corresponde a iniciativa pesquisada e por um número referente a ordem de contagem das entrevistas de uma mesma iniciativa. A) Circuito da feira de produtos agroecológicos de Laranjeiras do Sul. Agricultores que trabalham com a produção e comercialização de hortifrutigranjeiros agroecológicos, incluindo variedades nativas, crioulas e alimentícias não convencionais, e com parte dos produtos processados em cooperativas/agroindústrias familiares, comercializados localmente. B) Circuito de comercialização de hortaliças e saladas processadas para o varejo na região Sul e Sudeste, da marca Rio de Una, de Tijuca do Sul. Convidados a produzir orgânicos pela empresa de processamento, com acompanhamento técnico para produção de hortaliças, os agricultores trabalham com alguns dos processos de embalagem doméstica, em termos de principal parceria comercial, tem seus produtos comercializados majoritariamente em redes de supermercados das Regiões Sul e Sudeste do Brasil. C) Circuito de comercialização no Sul do Brasil, Circuito Sul, interliga produtos através de estações criadas a partir de núcleos, dentro da Rede Ecovida de Agroecologia. Em grupos os agricultores transportam suas produções para estações e, reúnem-se na organização dos processos. As estações operam como cooperativas e organizam a comercialização principalmente para compras institucionais, feiras e outros compradores. Trabalham com culturas sazonais e especialidades das diferentes regiões (como pomares e agroflorestas), hortifrúti, processamento em diferentes agroindústrias rurais familiares, na logística e alguns na comercialização.

Sobre a entrada no mercado de orgânicos, ou o começo da própria produção agroecológica, no primeiro caso, notamos os aspectos da imersão na agroecologia e o desenraizamento do convencional. Através dos agricultores, podemos visualizar melhor este sentido. O agricultor (A01), a quem dirigimos esta questão, por motivos de saúde, abandonou o uso de venenos e as informações sobre o modo de produção agroecológico foram aos poucos sendo transmitidas por familiares, através das formações destes familiares, e também por uma ONG que presta assistência técnica localmente. Outro agricultor (A04) relata problemas comuns da produção que era convencional como consequências sobre a natureza e imaginando o que resultaria no longo prazo, relatando desconhecimento do que seria errado. Outro observa se tratar de uma preocupação de família produzir alimentos saudáveis. Em um dos assentamentos a decisão de produzir orgânicos foi tomada de modo coletivo. No passado também houve casos de intoxicação envolvendo agricultores próximos do grupo, além do envolvimento em movimentos sociais e em cursos de formação sobre agricultura, os quais somaram-se a motivação pela produção agroecológica. Aqui, o diálogo entre a própria comunidade, bem como o papel de liderança como responsabilidade, envolveu a decisão das famílias que formariam um grupo.

Antes da Rio de Una, os agricultores de Tijucas do Sul produziam através de práticas que envolviam o uso de aditivos e venenos químicos até o momento de serem contatados pela empresa e, desse modo, receberem uma proposta. Destaca-se a execução do projeto da empresa que contava com a imersão nas localidades através do contato com organizações por meio de lista de contatos, a partir de instituições formais como associações ou empresas ligadas a assistência técnica como Emater (PR), Cati (SP) e Epagri (SC). Aqui caberia salientar, o papel das instituições para a inserção da empresa nas localidades, seguido de vinculação e, ampliação da rede de agricultores parceiros também por meio de contatos intermediados por pessoas próximas a agricultores, já com alguma ligação com a empresa, certo estreitamento relacional, sendo da vizinhança de agricultores, ou pessoas com algum parentesco.

O início da produção orgânica por um membro, principalmente os chefes de família, como uma iniciativa que envolve os demais e serve de referência para parentes próximos e vizinhos se destaca nas falas. Como uma decisão que é tomada pelos pais e passa a ter sentido na realidade dos filhos, como sucessores da unidade familiar. E pela indicação de familiares, o contato com a empresa, e a proposta envolvendo o planejamento da unidade de produção também envolvem alguns agricultores que passam a produzir orgânicos com a garantia de parceria com a empresa. Ou ainda, como uma situação em que as próprias relações levam o camponês a reconsiderar os fatores disponíveis a partir de melhores condições com a produção de orgânicos. O caso abaixo relembra a complementariedade de atividades não agrícolas, como em Schneider (2003), e a reconfiguração do agricultor sobre a unidade de produção pelo próprio enraizamento social, Entrevistado B04:

Faz cinco anos. Eu trabalhava na construção. (...) não pude mais (...) Em 78, nós trabalhava com o pai, até 84, com verduras. Era tudo lavrador. (...) Foi porque não vai veneno, né (...) Tinha já os parceiros que trabalhavam com isso (...) daí ele me passou. Eles já estavam trabalhando com orgânicos, daí eu entrei (...) «No mesmo rumo».

Pelo terceiro caso, as respostas envolvendo a imersão em orgânicos são voltadas, em primeiro lugar, pelas relações sociais e, em segundo, já aparecem alguns fatores de mercado e de produção como custos, preços e demanda, e também pelo uso de veneno. O primeiro agricultor aponta para o incentivo e a organização junto aos familiares. Outro coloca a importância de deixar o uso de agrotóxicos e reforça isso também pela perspectiva dos custos de produção com insumos e pela alternativa com alimentos orgânicos. Nesses casos os agricultores também apontam múltiplos fatores inter-relacionados como determinantes de sua entrada no mercado. Exemplo pela Entrevista C03:

(...) estava muito difícil sobreviver com o convencional, só tinha monocultura aqui em Cerro Azul, só pokã. (...) não tinha valor os produtos (...) começou a aparecer a demanda do mercado de orgânico. (...) primeiro com o projeto PAA e com as feirinhas orgânicas (...) digamos que uns 80% quase da população daquela época migrou (...) tinha um tio que era vivo, seu Claudivino Hilman, que ele procurava muito essas coisas de sustentabilidade (...) junto com meu irmão mais velho (...) foram procurar esses mercados (...) descobriram que existia uma demanda nas feirinhas, em Curitiba

(...) começou primeiro no passeio público (...) aqui antigamente, o pessoal não tinha noção, usava muito agrotóxico, (...) A gente sabe que isso faz mal, (...) também não quer comer veneno.

Houve também relato de um agricultor a quem sua entrada no mercado de orgânicos deve-se a proximidade e imersão da família, a qual sempre esteve relacionada com a produção de agroecológicos direta e indiretamente através do emprego do próprio pai com assessoria e consultoria técnica nessa área. E, ainda outro agricultor, por convite e incentivo do próprio grupo em formação. Nesse sentido sobre o que podemos dizer que as diferentes experiências: a) um mercado local com contato direto e organização coletiva; b) um circuito com uma organização na intermediação destinado ao varejo inter-regional e relações bilaterais com agricultores e entre os agricultores de modo independente, e, por fim; c) um circuito regional com processos de integração sem um único centro em um conjunto de organizações multilaterais e com abertura para processos autônomos frente as responsabilidades e atribuições e com ligações nas pontas finais. Possuem diferentes graus de enraizamento pelas relações sociais, até pelo que se observa a incorporação dos indivíduos diante a ação econômica. Isto não qualifica ou descredibiliza qualquer uma das iniciativas, mas aponta os limites e o repertório de modelos de organizações ou construções sociais voltadas ao mercado de produtos agroecológicos e orgânicos.

No primeiro caso, o circuito da feira de produtos agroecológicos em Laranjeiras do Sul, a construção parte de relações familiares e comunitárias e observamos um histórico de ligações que antecedem o próprio circuito pela participação no movimento de trabalhadores rurais sem-terra, sendo cerca de 20 de famílias provenientes de dois assentamentos, Associação 8 de junho e Recanto da natureza. A transformação ocorreu para as famílias através das interações dentro de suas comunidades, e foram dinamizadas a partir de grupos para discussão e o contato com organizações que atuam no sentido de promover a agroecologia. A criação do circuito da feira contou com relações estabelecidas em nível local, e a partir da influência das próprias organizações. Destaca-se pelas falas a atuação nesse circuito envolvendo cooperação, solidariedade, comunitarismo, acesso a informação, contingenciamento, forte ligação com a realidade local, interação em diferentes redes e forte amparo. Como ilustração, a exemplo das falas:

(...) "um trabalho que além de trazer ganho para a sociedade (...) é muito prazeroso saber que a gente está fazendo isso" (Entrevistado A03).

(...) "nós tamos acho que os pioneiros da região nossa aqui. Não tem outro, pra trabalhar no sistema que nós trabalhamos hoje" (Entrevistado A05).

Já no circuito de produtos processados para o varejo da marca Rio de Una, notamos um empreendimento voltado para o segmento de orgânicos que conecta diferentes agricultores através de instituições e contatos por meio de organizações de extensão e assistência técnica. Nas primeiras investidas da empresa, em Tijucas do Sul, contava com uma base de cerca de 40 produtores, e atualmente já passa de 100, incluindo outras localidades. Aos agricultores é oferecido suporte ao processo de conversão para a produção orgânica, que

é direcionada para as variedades com as quais a empresa trabalha. Aqui as instituições mediadoras aparecem mais fortes, como um planejamento de acordo com as sazonalidades na produção, o estabelecimento de um acordo de compra, e uma relação de parceria. As relações de proximidade ocorrem nas localidades onde os agricultores têm vínculos fortes de parentesco, porém não se estende até a ponta final do circuito. Sobre o que podemos destacar há uma perspectiva de garantia de mercado e renda, o que podemos colocar como um fluxo ao longo do ano que é notado pelos agricultores, há certos valores intrínsecos dos círculos internos dos agricultores, há o aperfeiçoamento técnico para poucas variedades, ou especialidades bem definidas. E existe uma construção de imagem da marca atrelada a saúde, praticidade, segurança no consumo de orgânicos. Outros exemplos, nesse caso:

(...) "A única diferença é que trabalha meio na horta, perto de casa e trabalha tranquilo. Não é muito porque as vezes tem que trabalhar puxado". (Entrevistado B04).

(...) "eu entrei no orgânico, sobre isso, fazendo, com eles. Fazendo amizade e proseando e vamos plantar orgânico, assim". (Entrevistado B05).

Por último, o circuito operado independente, dentro da Rede Ecovida de Agroecologia (que é uma rede de certificação participativa), o Circuito Sul é resultado da construção através de organizações e grupos que integram em torno 1200 agricultores de diferentes localidades, de um número maior que compõem a Rede Ecovida, conta com a participação dos agricultores familiares na operação do circuito. Pelo que viemos a entrevistar agricultores das cidades de Rio Branco do Sul, Cerro Azul e também atores chave, gestores de grupos ou estações de outras regiões. Os agricultores que adentram a Rede Ecovida, e naturalmente ao Circuito Sul, passam por um processo de transição agroecológica e são envolvidos como participantes na criação e formação de seus grupos. Quanto aos agricultores que se articulam em torno da comercialização no Circuito Sul (o que não são todos da Rede Ecovida), os grupos passam a se envolverem com as estações que estão relacionadas com os núcleos locais. Assim os grupos se organizam para a coleta e transporte de mercadorias locais, e representantes participam de reuniões entre todos os grupos ligados às estações que são para definirem a destinação e as condições de comercialização. São 12 núcleos da rede ligados às estações no circuito de um total de 30 núcleos que são da Rede Ecovida, em 2016. Esse circuito se completa fortemente pelas compras institucionais ou governamentais e em seguida feiras e outros canais, ao passo que há assimetrias diversas entre as regiões e mesmo nas localidades. Podemos destacar as dinâmicas coletivas, a atribuição de papéis e responsabilidades autônomas pelos grupos e em rede para as estações, maior repertório de práticas e variedades agrícolas no geral, intercâmbio entre os grupos, ênfase em ecologia, notadamente alinhado com a segurança e soberania alimentar e nutricional, circulação de informações. Pode-se dizer que algumas práticas passam a ser normalizadas a medida que são enraizadas, como a diversificação de cultivos e o aprimoramento sociotécnico. Exemplos, identificados na mesma linha:

(...) "Na época a gente mudo também por causa da comercialização, vendia porque era melhor, era melhor pra você achar canal". (Entrevistado C02).

(...) "nós só mandamos pra outra pessoa comer aquilo que você dá pro teu filho comer, se você não dá pro teu filho comer você não pode". (Entrevistado C03).

A partir do que pensamos de traçar linhas entre as experiências, podemos dizer que o circuito dos agricultores com a Rio de Una é marcado por laços mais fortes entre os agricultores, notadamente, por círculos e relações de parentesco e amizades. Porém, no que toca ao envolvimento com outras redes, algumas das situações apontam para um relativo distanciamento, ao participarem fortemente de círculos sociais conhecidos, até pela relação com o mercado ser intermediada pela empresa. Isso se evidencia pelo número de organizações que os agricultores têm acesso, e repertório de práticas, embora certos casos particulares também apontam para um dinamismo, como agricultores que participam simultaneamente do circuito pela empresa voltada para o varejo, bem como alguns integram grupos para certificação participativa pela Rede Ecovida, por exemplo. O quadro também se reflete nas culturas produzidas e difusão de técnicas, quando os agricultores estão atrelados à produção de poucas culturas de acordo com sua reserva de mercado, ou ainda, quando não dispõem de um sistema ou mecanismo de constante aprimoramento, pelo que estruturalmente contam com a figura do técnico, com quem se discute a produção em torno de algumas variedades relativas ao planejamento. Dessa forma permanecem vinculados aos avanços e também às iniciativas da marca Rio de Una, em incluir novas variedades ou passar para outros segmentos dentro do mercado de orgânicos que possam incluir outros alimentos. Ao menos espontaneamente nos relatos, as interações entre os agricultores para a produção não aparecem como algo significativo, senão que uma eventualidade.

Comparativamente, o caso dos agricultores do Circuito Sul, os agricultores circulam por diferentes grupos, embora em níveis distintos entre os agricultores. Alguns participam de um conjunto de atividades envolvendo a dinâmica de formação pela Rede Ecovida e transmissão de conhecimento aos agricultores e entre eles, ou no protagonismo da organização do circuito pelo acesso à informação e responsabilidades e na organização dentro dos grupos, na participação das decisões, na expectativa de confiança pelas representações. De maneira que destacamos o fortalecimento periódico das ligações locais e outras dentro da estrutura por meio das representações nas reuniões, como dos núcleos e estações (que integram grupos e os canais finais), ou participação nas rotas de distribuição. Embora alguns agricultores se reservem a participar mais exclusivamente dos grupos, e não das reuniões de organização intergrupos, conseguem permanecer ligados a relações de laços mais fortes ao que o sistema garante alguma conectividade quanto a avanços gerais como no cenário da agroecologia. A isto também atribuímos a força dos laços fracos, conceito originado por Granovetter (2007), bem detalhado em Wilkinson (2002), pelo qual indivíduos que transitam entre as diferentes redes, ao retornarem para suas relações mais fortes ou próximas no cotidiano, movimentam círculos mais fechados. Porém, existe certa dependência e confiança, por parte de agricultores dos círculos comunitários, em atores que assumem o protagonismo do processo, os quais podem se defrontar com situações conflituosas e tomadas de decisões e que estariam sujeitas em certa margem a algum risco ou até oportunismo. Todavia, o mecanismo da estrutura organizativa através de constan-

tes reuniões em múltiplos níveis tenha por objetivo transparecer os processos, esclarecer dúvidas e subsidiar a conferência.

A presença de universidades, assistência técnica, cooperativas, associações locais de moradores ou de agricultores, certificadoras, empresas do segmento, organizações não governamentais, movimentos sociais, órgãos públicos de apoio a empreendimentos, organismos de financiamentos, compõem o repertório de organizações que podem ter alguma importância nas decisões de produção e no acompanhamento das unidades de produção.

A situação dos produtores de agroecológicos em Laranjeiras do Sul reflete as condições dos demais agricultores da Rede Ecovida quanto à estrutura de formação. O quadro geral de organizações é composto por entidades, nas quais os agricultores entram na condição de integrantes, contando com variações próprias do local. Nesses circuitos também verificamos certa medida de complementariedade, de cooperação, no preenchimento do quadro de ocupações, divisão de tarefas, na organização coletiva pelo que Sabourin (2013) vem a definir os mercados de proximidade. Também há certo grau de contingenciamento (Torre, 2003) a favor da iniciativa para comercialização e da organização em grupo.

No caso dos agricultores de Tijucas do Sul (Rio de Una), isso se limita pela imersão da própria firma, uma vez que é mais restrita à presença e figura do técnico e dos agentes comerciais na intermediação das relações e da imersão dos agricultores através das formações, adequações e processos institucionalizados, para que se estabeleça a parceria. Logo a capacidade de organização interna, mobilização, seja pela cooperação, inovação, difusão de informações, tem um sentido mais unilateral, uma vez que não há um processo formalmente instituído de interação voltada para o desenvolvimento local.

Até certo ponto a relação comercial se caracteriza por ser mais objetiva e descomprometida do que o vínculo pelo propósito em comum do desenvolvimento. Assim, se verificam limitações quanto a integração de um conjunto de práticas que completem o quadro de funções e serviços ecossistêmicos, dentro de um agroecossistema, como se verifica em práticas decididamente agroecológicas. Por isso, é necessário reforçar que a produção pelo circuito da Rio de Una é voltado para o nicho de orgânicos o que não significa que compreende a agroecologia como abordagem sociotécnica.

Vemos que os agricultores, no caso da Rio de Una e do Circuito Sul, também apresentam uma perspectiva de buscarem se consolidar em seus respectivos circuitos. Para os agricultores ligados pela Rede no Circuito Sul, alguns ampliaram um pouco mais o número de canais parceiros, fora do circuito, de modo a assegurar o escoamento de suas produções. Já os agricultores entrevistados do circuito da Rio de Una possuem uma relação forte que denota credibilidade com a firma, e que fazem um planejamento com a perspectiva de compra da maior parte da produção dentro de um acordo, em um tipo de envolvimento mais restrito a uma parceria comercial. Porém, quanto isso ainda, cabe a empresa definir com quais agricultores fecha seus pedidos, e por isso a quantidade demandada pode

variar entre um agricultor e outro, além de manter concentrado o poder de compra, e consequentemente de manter exigências nas mãos da empresa. Isto que nos outros casos envolve organização dos grupos, atribuição de papéis, e articulação em torno do circuito até a ponta final em muitas situações, configuram situações diferentes.

Os agricultores dos assentamentos, pela feira, ou o atual Mercado do produtor em Laranjeiras do Sul (espaço construído com recursos do governo federal, entregue durante a pesquisa, e destinado a comercialização por agricultores da região), encontraram seu espaço como agricultores do município mantendo uma base de relação direta com o consumidor e uma perspectiva de comércio solidário apoiado na realidade local, de promoção da agroecologia pelo acesso a produtos orgânicos.

No Circuito Sul, procura-se manter a transparência sobre os processos, sendo que, atualmente, a estação que tomamos como referência (estação da Região Metropolitana de Curitiba) articula os agricultores principalmente em torno do mercado institucional. Quando os produtos tomam outros destinos, como canais ou o próprio circuito (trocas, compradores e empresas que se apresentam como parceiros) são abertas as informações dos custos, do público acessado, e procura-se garantir um preço mínimo para os produtores, estabelecendo-se um código com normas consideradas justas.

Na estrutura da Rede em torno do Circuito Sul, além da diversificação da produção, trabalha-se a configuração de especialidades nos locais, o que ocorre também nos assentamentos em que há processos de agroindústrias familiares ou cooperativas, beneficiamento e conservação, com a possibilidade de ênfase em variedades de frutas nativas ou de acordo com vocação, interesse ou condição dos agricultores, ou mesmo pela adaptação ao local, ambiente e outros fatores.

Essa última característica justificou a criação do próprio circuito sul pela troca dos excedentes de acordo com a dotação das diferentes regiões por meio das estações. Essa orientação de mercado como um todo é um desafio ao conjunto dos agricultores, sendo superado aos poucos por algumas iniciativas.

No Circuito Sul, há também a difusão de avanços em processos sociotécnicos, como sistemas agrofloretais, em especial para as regiões que visitamos que tem certa proximidade com os agricultores da Barra do Turvo, da Cooperafloresta, pioneiros nesse processo através de intercâmbio dentro da própria Rede Ecológica.

Além disso, os agricultores dos grupos de Laranjeiras do Sul contam com investidas sistêmicas na compra de mudas por meio da ONG Ceagro, e parceria incipientes na implantação de sistemas agrofloretais com professores da universidade. Além de também trabalharem com processos de agroindústrias rurais familiares, como produção de panificações, lácteos, doces, geleias, entre outros, a partir de frutas nativas e produções locais de agroecológicas, inclusive de modo que comunicam a produção das diferentes associações

e cooperativas pelo que vem a ser beneficiado em uma que não seja na outra. Por exemplo, o caso da produção de produtos derivados de leite (doces de leite orgânicos, entre outros) que é produzido em uma das cooperativas, sendo que esta compra a produção de leite agroecológico das demais famílias até mesmo de outros assentamentos.

Em Tijucas do Sul, destacamos pelos que viemos indagar os agricultores, houve complementação de informações sobre árvores frutíferas com boa aclimação local conhecidas pelos agricultores. Pelo que um dos entrevistados sinaliza que dialoga com a companhia para manter a parceira em um projeto pessoal voltado para o cultivo de kiwis. Consideramos, sob o ponto de vista do acúmulo e repositório de conhecimentos camponeses que resultam em avanço no sistema de produção de alimentos em uma base diversificada, adequada ao clima local, com apropriado manejo sustentável de recursos.

Pontuamos acontecimentos relatados envolvendo a difusão sociotécnica nos três circuitos. Embora em cada cenário particular os agricultores enfrentem diferentes barreiras econômicas e entraves como de acesso a informação, temos em vista no Quadro 1 o repertório situações relativas a imersão sociotécnica abarcado pelas diferentes iniciativas. A partir do que registramos das entrevistas de cada conjunto:

### Quadro 1

#### Imersão sociotécnica envolvendo agricultores dos circuitos

A) Circuito de produtos agroecológicos de agricultores de Laranjeiras do Sul	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Agricultores participam de mutirões envolvendo a comunidade,</li> <li>• Reuniões onde discute-se, inclusive, os plantios</li> <li>• Intercâmbios com outras comunidades e localidades</li> <li>• Processo de certificação participativa</li> <li>• Trocas de sementes e mudas</li> <li>• Feiras e eventos regionais com oficinas e vivências</li> <li>• Proximidade da universidade, unidades abertas a experimentos de campo</li> <li>• Outras organizações, como movimentos sociais de trabalhadores rurais (nacionais e internacionais), como Movimento de Pequenos Agricultores, Movimento dos trabalhadores rurais Sem Terra, Via Campesina, Movimentos de Mulheres Camponesas, etc. na promoção de seminários, cursos e formações técnicas, com a presença de uma ONG local (Ceagro).</li> </ul>
B) Circuito de produtos orgânicos processados da marca Rio de Una, de Tijucas do Sul	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Forte presença de grupos familiares</li> <li>• Círculos de relações mais fechados (estabelecidas na região)</li> <li>• Trocas eventuais de experiências em encontros, confraternizações ou situações informais</li> <li>• Acúmulo do conhecimento prático dos próprios agricultores</li> <li>• Participação em cursos e iniciativas dentro do próprio circuito (da empresa)</li> <li>• Forte contato e a disponibilidade integral do suporte técnico da empresa (maior dependência dos agricultores quando iniciam)</li> <li>• Presença de certificadora própria da empresa</li> <li>• Algumas unidades certificadas por distintos processos (como o 'participativo' da Rede Ecovida) permitindo vários mecanismos de formação.</li> </ul>
C) Circuito de produtos agroecológicos dentro da Rede Ecovida (Circuito Sul)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reuniões e encontros em múltiplos níveis (para além dos grupos)</li> <li>• Intercâmbio e práticas de testes com variedades crioulas e diferentes sistemas de cultivos (como sistemas agroflorestais mais complexos)</li> <li>• Participação de agricultores em oficinas e eventos</li> <li>• Estreita relação com diversos organismos e movimentos correlatos ao primeiro caso</li> <li>• Prática do olhar externo aplicada a todos os grupos certificados pela Rede Ecovida (desdobrada num amplo conjunto de organizações, associações, cooperativas e iniciativas)</li> <li>• Formações a partir de cursos</li> <li>• Grupos de agricultores situados próximos às estações de comercialização do circuito (como a Aopa, para os entrevistados, que também presta assessoria e está situada próxima ao Centro Paranaense de Referência em Agroecologia (CPRA), local que costuma ser indicado para os agricultores).</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria.

Podemos concluir que nos três circuitos analisados, há processos que marcadamente denotam a enraizamento social destes mercados sobre produtos orgânicos, alguns tanto relacionais outros tanto mais, evidentemente, formalmente instituídos como podemos observar pelo Quadro 1. De acordo com as características culturais, sociais e econômicas de cada realidade, e notadamente um aprofundamento maior ou menor deste processo. No caso do Circuito de Laranjeiras do Sul (feira ecológica), o enraizamento dos mercados fica evidente pela proximidade espacial, localizados nos arredores do município, e pela sociabilidade entre agricultores e consumidores, e da mesma forma, entre os agricultores, que se articulam dentro de grupos e estes com o Movimento dos trabalhadores rurais sem-terra (MST), denotando forte processo de articulação social que propiciou e respalda a existência deste Circuito que reforça o caráter agroecológico da produção em meio a um cenário que se modifica pelo fluxo de informação acerca da produção convencional e da diferente realidade dos orgânicos.

Contudo, ao analisarmos os outros dois Circuitos observamos situações mais complexas. No Circuito da empresa Rio de Una, os agricultores de Tijucas do Sul encontram-se geograficamente próximos à central de processamentos da empresa e parte dos pontos finais de comercialização, situados na região metropolitana de Curitiba. O circuito resulta da imersão da empresa na realidade local (dos agricultores) a partir dos contatos fornecidos inicialmente por organizações de assistência (Emater, e outros) vinculadas ou que atendem a região (como instituição, neste caso), onde se depara com relações parentais, de amigos, vizinhos, ou pessoas próximas pela trajetória de ocupação da região e remonta em algumas situações o histórico de diferentes gerações. Dessas relações resultam trocas de contatos, entre os agricultores, com vista no estabelecimento de parceria com a empresa que demanda considerável aporte de alimentos orgânicos com vista no processamento para revenda ao comércio de varejo de grandes redes. Disso surgem processos coletivos que eventualmente reúnem os agricultores em torno da relação com a firma. As relações comerciais, no entanto, são mediadas pela empresa, fragilizando o enraizamento social deste circuito, no que tange à participação dos agricultores e à proximidade dos consumidores com os processos que antecedem o consumo.

No caso do Circuito Sul, os produtos percorrem distâncias relativamente grandes, que chegam a cruzar alguns estados da região Sul até Sudeste do Brasil. Ainda assim o processo de construção social dos mercados é fortemente enraizado pelo que se tem a tomada coletiva de decisões, os grupos de agricultores se reúnem em núcleos (Rede Ecovida), e destas despontam representantes para as reuniões das estações (Circuito Sul) onde discutem rotas, preços aos agricultores, transações de mercadorias entre estações, etc. O que configura a participação social dos agricultores nas definições do processo de comercialização, conquanto ainda hajam processos que se passam centralizados em lideranças que surgem das organizações envolvidas. A mediação coletiva do processo de comercialização permite, apesar das maiores distâncias, maior proximidade social do consumidor com o produto, uma vez que a organização inclui e envolve os canais de comercialização na ponta final e o consumidor em várias medidas.

Na Tabela 1 a seguir, procuramos resumir alguns parâmetros em termos principais do que podemos tomar comparativamente entre os casos:

**Tabela 1**  
**Redes e interações sociotécnicas dos circuitos comparativamente**

Conjuntos	Circuito A	Circuito B	Circuito C
Redes e organizações (principais)	Cooperativas; Feira (atual Mercado); Presença da ONG de assistência técnica Ceagro, ligada ao MST; Universidade na localidade, UFFS; Grupos na Rede Ecovida; Movimento sem Terra (MST).	Empresa da marca de orgânicos Rio de Una; Vizinhança com parentescos; Certificadora: da empresa, Rede Ecovida (alguns); Base de instituições de assistência técnica (Emater)	Circuito Sul, grupos e estações (reuniões) de diferentes regiões com intercâmbios. Rede Ecovida (certificadora), grupos e núcleos. Assistência técnica e Cooperativas, por localidade. Mais canais de comercialização.
Perspectiva de Renda e circuitos (condições)	Baixa e média. Na feira da cidade é estável, porém menor. Nas compras institucionais é média, porém relativamente instável. Ambos atrelados as cooperativas.	Baixa e média. Estabilidade condicionada ao planejamento em relação de parceria. Ademais, poucos canais complementares em geral de menor expressão.	Baixa até alta. Compras institucionais organizadas, condicionadas a políticas públicas; variações entre localidades. Informação assimétrica associada ao envolvimento dos grupos com estações e, outros canais.
Variedades de práticas e processos (assinalados)	Hortifrutigranjeiros. Com variedades nativas (manejo de reservas) e crioulas. Processos agroindústrias rurais (panificação, leite, geleias) Mutirões, intercâmbios, e foco em Agroecologia. Plantios de mudas de árvores, e com amplo suporte.	Hortaliças (variedades para saladas, comerciais e especiais) Processos de embalagens. Planejamentos conjunto e acompanhamento de técnicos especializados. Conhecimentos complementares ( <i>frames</i> ) da região, diferentes, entre os agricultores. Iniciativas próprias.	Culturas diversificadas. De base alimentar na maior parte, incluindo frutas comerciais (agroflorestas e pomares). Processos agroindustriais rurais e diversos produtos de maior valor agregado. Práticas participativas dos grupos e eventos em rede. Especialidades por regiões.

Fonte: Elaboração própria.

## Conclusão

Neste artigo observamos a importância do enraizamento para a quebra do virtual isolamento, e distanciamento entre agricultores e com o mercado, assim como outros meios sociais. Ao refletirmos a identidade dos agricultores em mercados agrícolas, tal como as decisões sobre o mercado de trabalho para a ocupação de cargo de confiança, de Granovetter (1985), deparamo-nos com a complexidade envolvendo as relações além do próprio processo produtivo. Nesse sentido identificamos vínculos para ações econômicas (monetizáveis e não monetárias) em circuitos de redes imersas em processos sociotécnicos

por vezes voltados ao mercado (como oferta e demanda). Ao passo que estes mesmos processos retroalimentam circuitos ao dialogarem redes e interações que promovem a construção dos circuitos de produtos orgânicos, bem como difusão de conhecimentos, técnicas, assim como a base para o aprimoramento de processos coletivos.

Desta forma, indicamos o enraizamento social como elemento de discussão em torno da construção social de mercados agroecológicos, pela qual nos circuitos de proximidade, sobre Perez-Cassarino y Ferreira (2016), vincula-se ao fato de sua análise não se restringir a sua localização geográfica, ou proximidade espacial. O planejar e construir mercados agroecológicos, que visem o redesenho dos sistemas alimentares, deve considerar outras 'proximidades', que incorporem fatores sociais, culturais, econômicos e ambientais que reconfiguram as relações de mercado, de modo a promoverem o abastecimento alimentar orientado sob a perspectiva da soberania e segurança alimentar e nutricional. Sinalizando o binômio presente nas economias entre mercado e planejamento (mercado, propositadamente sobre o princípio de intercâmbio), como funções de governança, que em certa medida devem ser tomadas como complementares. Ao considerarmos elementos de instituições orientadoras em sociedades ou processos sociais, como reciprocidade e redistribuição, vistos em Polanyi (2000), neste sentido o intercâmbio ultrapassaria relações materiais, dito que se envolveriam relações pessoais e sociais, Granovetter (1992), em bases de benefícios comuns, partindo de Capella (2016), para designar o que os atores viriam a considerar sobre o empreendimento político ou social ao promoverem ações coletivas, sejam econômicas ou não-econômicas.

Ao passo que observamos a dinâmica de interações em ciclos, como fator determinante para ações de promoção ou decisões concernentes a estratégias de transição agroecológica e organizações em arranjos sociotécnicos. Por fim, aspectos de segurança e saúde aparecem de alguma forma na fala dos diversos agricultores, em todas as iniciativas. O que chama atenção nesse caso são as diferentes expressões de agricultores que passaram por algum processo de transição, ou conversão da unidade de produção, além disso, muitos rememoram o tempo que produziam com pesticidas e fertilizantes químicos. O fato de deixarem de produzir de um modo que envolve riscos e incertezas para o consumidor, por reconhecerem quando o alimento não é próprio para o autoconsumo, que também não deva ser comercializado, modifica a confiança dos agricultores por saberem que seus plantios já não envolvem produtos contaminados que oferecem riscos a saúde de outrem, fortalecendo seus laços com o público consumidor. O reconhecimento mútuo, de acordo com Polanyi (2000), pelas comunidades ou pela sociedade, aparece como uma nova motivação para os agricultores.

## Agradecimentos

Resultado de pesquisa de dissertação de mestrado PPGADRS. Capes/CNPQ. Fagundes, R.M. (2017) Enraizamento social nos circuitos de proximidade de produtos agroecológicos.

(dissertação de mestrado). Universidade Federal da Fronteira Sul. Laranjeiras do Sul. Brasil. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/579>.

## Bibliografia

- Abramovay, R. (2004). Entre Deus e o diabo: mercados e interação humana nas ciências sociais. *Tempo Social*, 16 (2), 35-64.
- Capella, A.C.N. (2016). Um estudo sobre o conceito de empreendedor de políticas públicas: Ideias, Interesses e Mudanças. *Cadernos EBAPE.BR*, 14 (edição especial), 486-505. doi: 10.1590/1679-395117178.
- Cassol, A. y Schneider, S. (2015). Produção e consumo de alimento: novas redes e atores. *Lua Nova*, 95, 143-177.
- Feagan, R.B. y Morris, D. (2009). Consumer quest for embeddedness: a case study of the Brantford farmers' market. *International Journal of Consumer Studies*, 33, 235-243.
- Floysand, A. y Sjøholt, P. (2007). Rural development and embeddedness: the importance of human relations for industrial restructuring in rural areas. *Sociologia Ruralis*, 47 (3), 205-227.
- Goodman, D. (2003). The quality 'turn' and alternative food practices: reflections and agenda. *Journal of Rural Studies*, 19, 1-7.
- Goodman, D., Dupuis, E.M. y Goodman, M.K. (2012). *Alternative food networks: knowledge, place and politics*. Londres, Inglaterra: Routledge.
- Granovetter, M. (1985). Economic action and social structure: the problem of Embeddedness. *American Journal of Sociology*, 91 (3), 481-510. Recuperado de: <http://www.jstor.org/stable/2780199>
- Granovetter, M. (1992). Economic institutions as social constructions: a framework for analysis. *Acta Sociologica*, 35, 3-11.
- Granovetter, M. (2007). Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. *RAE-eletrônica*, 6 (1). Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/raeel/v6n1/a06v6n1>.
- Grisa, C., Porto, S. y Menezes, F. (2015) Abastecimento alimentar e compras públicas no Brasil: um resgate histórico. *Série Políticas Sociais e de Alimentação*. Centro de Excelência Contra a Fome.
- Guzman, E.S. y Soler, M. (2010). Agroecología y soberanía alimentaria: alternativas a la globalización agroalimentaria. *PH Cuadernos*, 26.
- Hinrichs, C.C. (2000). Embeddedness and local food systems: notes on two types of direct agricultural market. *Journal of Rural Studies*, 16, 295-303.
- Krippner, G. (2001). The elusive market: embeddedness and the paradigm of economic sociology. *Theory and Society*, 30, 775-810.
- Maluf, R.S.J. (2009). Segurança Alimentar e Nutricional. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Martins, G.S. Martins, R.S. Silveira, R.I.M. (2014). Imersão social na cadeia de suprimentos e seu efeito paradoxo no desempenho operacional. *Revista de Administração de Empresas*, 54 (4), 429-444.
- Minayo, M.C.S. (1999). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Nierdele, P. y Radomsky, G.F.W. (2007). Atores sociais mercados e reciprocidade: convergências entre a nova sociologia econômica e o «paradigma da dívida». *Teoria e Sociedade*, 15, 146-177.
- Perez-Cassarino, J. y Ferreira, A.D.D. (2016). Redesenhando os mercados: a proposta dos circuitos de proximidade. *Revista Espacio Regional*, 1 (13), 49-65.
- Plein, C. (2010). Instituições e Enraizamento nos mercados da Agricultura Familiar. *Revista Faz Ciência*, 12 (15), 95-118.
- Ploeg, J.D. (2000). Revitalizing agriculture: farming economically as starting ground for rural development. *Sociologia Ruralis*, 40 (4), 497-511.
- Ploeg, J.D., Renting, H., Brunori, G., Knickel, K., Mannion, J., Marsden, T., Roest, K., Guzmán, E.S. y Ventura F. (2000). Rural Development: from practices and policies towards theory. *Sociologia Ruralis*, 40 (4), 391-408.

- Polanyi, K. (2000). *A grande transformação. As origens de nossa época*. Rio de Janeiro, Brasil: Campus.
- Raud-Mattedi, C. (2005). Análise crítica da sociologia econômica de Mark Granovetter: os limites de uma leitura do mercado em termos de redes e imbricação. *Política e Sociedade*, 6, 59-82.
- Reis, M.R. (2012). *Tecnologia social de produção de sementes e agrobiodiversidade*. (Tesis de maestria), Universidade de Brasília. Brasília, Brasil.
- Sabourin, E. (2013). Comercialização dos produtos agrícolas e reciprocidade no Brasil. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, 21 (1), 5-33.
- Schneider, S. (2003). *A pluriatividade na agricultura familiar*. Porto Alegre, Brasil: UFRGS.
- Swedberg, R. (2004). Sociologia econômica: hoje e amanhã. *Tempo Social*, 16 (2), 7-34.
- Torre, A. (2003). Desenvolvimento local e relações de proximidade: conceitos e questões. *Revista Internacional de Desenvolvimento Local*, 4 (7), 27-39.
- Vinha, V. (2003). Polanyi e a nova sociologia econômica: uma aplicação contemporânea do conceito de enraizamento social. *Econômica*, 3 (2), 207-230.
- Wilkinson, J. (2002). Sociologia econômica, a teoria das convenções e o funcionamento dos mercados: *inputs* para analisar os micro e pequenos empreendimentos agroindustriais no Brasil. *Ensaio FEE*, 23 (2), 805-824.